

Festa junina: patrimônio cultural imaterial, memória e silenciamento

Daniele Achilles

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Biblioteconomia, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia. Rio de Janeiro, RJ, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3648-7282>
daniele.achilles@unirio.br

Deise Maria Antônio Sabbag

Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, SP, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6392-4719>
deisesabbag@usp.br

Ednéia Silva Santos Rocha

Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, São Paulo, SP, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1478-6828>
edneia@usp.br

ARTIGOS

DOI: <https://doi.org/10.26512/rici.v18.n3.2025.59193>

Recebido/Recibido/Received: 2025-07-04

Aceito/Aceptado/Accepted: 2025-08-06

Publicado/Publicado/Published: 2025-11-28

Resumo

As reflexões sobre cultura e representações sociais do conhecimento perpassam pela discussão a respeito do uso dos conceitos, práticas socioculturais e dinâmicas das estruturas de poder, fazendo lembrar ou esquecer uma manifestação, a exemplo a festa junina. No Brasil, o festejo passou pelo ato de patrimonialização, marcando o valor cultural, o respeito à preservação da memória e a conservação da manifestação cultural como patrimônio nacional. A festa carrega uma série de significados e sentidos para além da marcação do cristianismo, sugerindo a afirmação da singularidade de parte do território nacional e a preservação das tradições comunitárias em todo o país. Cada lugar, contexto histórico e situacional organiza as nuances dos festejos de modo singularizado, balizando as diferenças do *ethos* territorial e, por consequência, positivando os processos de hibridação cultural. Enquanto patrimônio cultural imaterial, o festejo suscita reflexões sobre a importância de a representação social do conhecimento estar alinhada aos atravessamentos informacionais e culturais, tanto individuais ou coletivos, marcando assim, a memória, identidade e resistência de um povo por via do corte cultural. Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023) apontam a classificação como uma operação que pode organizar um conjunto de objetos, coisas, seres e saberes em classes, seja a partir de relacionamentos lógicos e, ontológicos, por meio de critérios específicos, escolhendo, separando, dividindo e aproximando, no entanto, de forma arbitrária. Nesse sentido, a continuação dessa pesquisa é direcionada pela seguinte indagação: Que

dinâmicas ou atravessamentos produzem as lembranças ou os esquecimentos sociais quando classificamos e representamos a festa junina, como patrimônio cultural imaterial, em sistemas de organização do conhecimento? Questão posta, o objetivo desta comunicação é dar continuidade a pesquisa “Caleidoscópio do Sistema de Organização do Conhecimento: a manifestação cultural Festa Junina”, apresentada na ISKO Iberico, em 2023, Madri - Espanha, e, com isso, retomá-la focalizando questões relacionadas à memória, informação e sociedade. Assim, a partir de um corte social, de caráter exploratório, com delineamento teórico qualitativo, utilizando como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, essa comunicação repensa a festa junina cotejando a ideia de território da memória fragmentada, admitindo a complexidade de compreensão sobre esse conceito face aos entrecruzamentos dos estudos em Memória Social e em Ciência da Informação. Conclui que a reterritorialidade do patrimônio cultural imaterial festa junina participa de jogos de forças vinculados às estruturas de poder, produzindo diferentes formas de preservação e resistência, evitando assim, determinados silenciamentos produzidos pelas esferas do poder.

Palavras-Chave: Festa Junina. Patrimônio Cultural Imaterial. Memória.

Fiesta de junio: patrimonio cultural inmaterial, memoria y silencio

Resumen

Las reflexiones sobre la cultura y las representaciones sociales del conocimiento incluyen debates sobre el uso de los conceptos, las prácticas socioculturales y la dinámica de las estructuras de poder, que nos hacen recordar u olvidar una manifestación, como la Fiesta de Junio. En Brasil, la fiesta ha pasado por el acto de patrimonialización, marcando su valor cultural, el respeto por la preservación de la memoria y la conservación de la manifestación cultural como patrimonio nacional. La fiesta conlleva una serie de significados y sentidos que van más allá de la marca de la cristiandad, sugiriendo la afirmación de la singularidad de una parte del territorio nacional y la preservación de las tradiciones comunitarias en todo el país. Cada lugar, contexto histórico y situación organiza los matices de las fiestas de forma única, marcando las diferencias en el ethos territorial y, en consecuencia, afirmando los procesos de hibridación cultural. Como patrimonio cultural inmaterial, la fiesta suscita reflexiones sobre la importancia de que la representación social del conocimiento se alinee con los cruces informativos y culturales, tanto individuales como colectivos, marcando así la memoria, la identidad y la resistencia de un pueblo a través del recorte cultural. Sabbag, Rocha, Achilles y Takahashi (2023) señalan la clasificación como una operación que puede organizar un conjunto de objetos, cosas, seres y conocimientos en clases, ya sea a partir de relaciones lógicas u ontológicas, por medio de criterios específicos, eligiendo, separando, dividiendo y reuniendo, aunque arbitrariamente. En este sentido, la continuación de esta investigación está guiada por la siguiente pregunta: ¿Qué dinámicas o cruces producen los recuerdos u olvidos sociales cuando clasificamos y representamos la Fiesta de Junio como patrimonio cultural inmaterial en los sistemas de organización del conocimiento? En este sentido, el objetivo de esta comunicación es dar continuidad a la investigación "Caleidoscopio del Sistema de Organización del Conocimiento: la manifestación cultural Festa Junina", presentada en ISKO Ibérico en Madrid, España, en 2023, y retomarla centrándose en cuestiones relacionadas con la memoria, la información y la sociedad. Así, desde una perspectiva social, exploratoria, con un diseño teórico cualitativo, utilizando la investigación bibliográfica como procedimiento técnico, esta comunicación repiensa la Festa Junina cotejando la idea de territorio fragmentado de la memoria, admitiendo la complejidad de comprensión de este concepto ante las intersecciones de los estudios en Memoria Social y Ciencias de la Información. Concluye que la reterritorialidad del patrimonio cultural inmaterial de la Festa Junina participa de juegos de poder ligados a estructuras de poder, produciendo diferentes formas de preservación y resistencia, evitando así ciertos silencios producidos por las esferas de poder.

Palabras clave: Festa Junina. Patrimonio Cultural Inmaterial. Memoria.

June Festival: intangible cultural heritage, memory and silencing

Abstract

Reflections on culture and social representations of knowledge include discussions on the use of concepts, sociocultural practices and the dynamics of power structures, making us remember or forget a manifestation, such as the June festival. In Brazil, the festival has undergone the act of patrimonialisation, marking its cultural value, respect for the preservation of memory and the conservation of the cultural manifestation as a national heritage. The festival carries a series of meanings and senses beyond the marking of Christianity, suggesting the affirmation of the uniqueness of part of the national territory and the preservation of community traditions throughout the country. Each place, historical context and

situation organizes the nuances of the festivities in a unique way, marking the differences in the territorial ethos and, consequently, affirming the processes of cultural hybridization. As intangible cultural heritage, the festival prompts reflections on the importance of the social representation of knowledge being aligned with informational and cultural crossings, both individual and collective, thus marking the memory, identity and resistance of a people through cultural cutting. Sabbag, Rocha, Achilles and Takahashi (2023) point to classification as an operation that can organize a set of objects, things, beings and knowledge into classes, either based on logical or ontological relationships, by means of specific criteria, choosing, separating, dividing and approximating, but in an arbitrary way. In this sense, the continuation of this research is guided by the following question: What dynamics or crossings do social memories or forgetfulness produce when we classify and represent the June festival as intangible cultural heritage in systems of knowledge organization? With this question in mind, the aim of this communication is to continue the research "Kaleidoscope of the Knowledge Organization System: The Festa Junina cultural manifestation", presented at ISKO Iberic in 2023 in Madrid, Spain, and to take it up again by focusing on issues related to memory, information and society. Thus, based on a social, exploratory, qualitative theoretical approach, using bibliographical research as a technical procedure, this communication rethinks the June festival by comparing the idea of fragmented memory territory, admitting the complexity of understanding this concept in the face of the intersections of studies in Social Memory and Information Science. It concludes that the reterritoriality of the Festa Junina intangible cultural heritage participates in power plays linked to power structures, producing different forms of preservation and resistance, thus avoiding certain silences produced by the spheres of power.

Keywords: June Festival. Intangible Cultural Heritage. Memory.

1 Introdução

As reflexões sobre cultura e representações sociais do conhecimento perpassam pela discussão a respeito do uso dos conceitos, do desenvolvimento das práticas socioculturais, bem como das dinâmicas de estruturas de poder, fazendo lembrar ou esquecer uma narrativa, uma data, um evento ou uma manifestação cultural, a exemplo a festa junina.

No Brasil, a festa junina é considerada um dos principais festejos do país, isso porque é possível observar a diversidade de produção criativa dos 'arrasta pés' nos diferentes territórios. O festejo passou pelo ato de patrimonialização a partir do Projeto de Lei 943/2019 e, no final de março de 2023, foi aprovada a Lei nº 14.555¹, promulgada em 25 de abril de 2023. A lei reconhece a festa junina como manifestação cultural nacional. Tal ato marca o valor cultural e social, o respeito à preservação da memória e a conservação cultural como patrimônio nacional. A festa em si mesma denota e carrega uma série de significados e sentidos para além da marcação do cristianismo, e, sugere a afirmação da singularidade em todo o território nacional.

Afirmar este festejo é também decidir pela lembrança e pela preservação/manutenção das tradições comunitárias em todo o Brasil. Cada lugar apresenta um contexto histórico e situacional que conduz a produção de subjetividade, a criação, marcando aspectos que moldam a identidade do festejo. Nesse sentido, é possível questionar: será que o ato da patrimonialização organiza as diferentes nuances dos festejos de modo singularizado, balizando

¹ Disponível em: <https://normas.leg.br/?urn=urn:lex:br:federal:lei:2023-04-25:14555> Acesso em: 22 maio 2024.

as diferenças do *ethos* comunitário e territorial e, por consequência, positiva os processos de hibridação cultural?

Enquanto patrimônio cultural imaterial, o festejo suscita reflexões sobre a importância de a representação social do conhecimento estar alinhada aos atravessamentos informacionais e culturais, tanto individuais quanto coletivos, destacando, assim, a memória, identidade e a resistência de um povo por via do corte cultural. Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023) apontam a classificação como uma operação que pode organizar um conjunto de objetos, coisas, seres e saberes em classes, seja a partir de relacionamentos lógicos, e ontológicos, por meio de critérios específicos, escolhendo, separando, dividindo e aproximando, no entanto, de forma arbitrária. Nesse sentido, a continuação dessa pesquisa ainda está direcionada pela seguinte indagação: *Que dinâmicas ou atravessamentos produzem as lembranças ou os esquecimentos sociais quando classificamos e representamos a festa junina, como patrimônio cultural imaterial, em sistemas de organização do conhecimento?*

Questão recolocada, o objetivo desta comunicação é dar continuidade a investigação “*Caleidoscópio do Sistema de Organização do Conhecimento: a manifestação cultural Festa Junina*”, apresentada na ISKO Iberico, em 2023, Madri - Espanha, que apresentou o conceito festa junina e suas relações representacionais possíveis considerando um sistema de representação do conhecimento tendo como desenlaçamento a aproximação deste com a representação metáfora caleidoscópica que oferece pequenos fragmentos visuais que, a parte de sua potência extraordinária de deslumbre ao olhar, restringe a tradução conceitual produzindo reducionismos, apagamentos e silenciamentos socioculturais.

A questão agora é retomá-la levantando questões focalizadas na relação entre memória, informação e sociedade. A festa junina, criada originalmente do Nordeste do Brasil, tem um percurso histórico que pode parecer linear e contínuo, no entanto, a capilaridade territorial e as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais fomentaram processos de diásporas do povo nordestino espalhando as narrativas do festejo a partir dos elementos que os formam, tais como: quadrilhas, músicas, comidas, vestimentas, danças etc.

A festa junina como modo de expressão cultural é identificada principalmente por esses traços, Melo (2017) afirma que dentro do contexto histórico dos povos originários dançava-se a Toré, enquanto o coco demarcava a influência e contribuição africana em virtude dos movimentos afro-diaspóricos, tidas como danças que representam os modos de existências e resistências. Mais tarde, no século XIX, a implementação do processo de urbanização descentralizou esses movimentos culturais localizados, o que pode significar a apropriação da autenticidade e da espontaneidade de determinados grupos sociais, traduzindo-os, mais tarde, como festejos folclóricos nos pequenos centros. Um movimento que, pouco a pouco, foi

misturando-se as quadrilhas vindas da França, e nos territórios rurais, dando origem ao baião, xote e xaxado (a fórmula musical identitária dos festejos juninos).

A hibridação cultural, como coloca Canclini (2009), gera no cerne da cultura popular determinadas distorções das funções, dos agentes, por exemplo. Canclini (2009) nos alerta para o perigo do desvirtuamento do conceito de cultura popular pelos setores econômicos. Enquanto Guattari (2005) afirma a apropriação cultural como uma forma de modulação da cultura de massa e, conseqüentemente, a manipulação do *ethos* subjetivo comunitário. Essas interações complexas de influências, absorções e ressignificações trazem consigo tanto a possibilidade de enriquecimento cultural quanto o risco de ‘erosão’ das identidades locais, manifestando-se em expressões culturais que, ao tentar preservar seu caráter originário, enfrentam o desafio de se adaptar e resistir em um ambiente globalizado.

Quando a Festa Junina passa a ser considerada como patrimônio cultural não se pode perder de vista que se trata também de uma incorporação do festejo nos setores hegemônicos, sustentando, assim, a própria estrutura capitalística. Aqui a relação marcação/incorporação deve ser esclarecida. O ato de patrimonialização marca a festa junina como traço identitário do povo brasileiro, no entanto, a incorporação classificatória do festejo pode se traduzir em um subjugo hegemônico. Guattari (2005, p. 21) afirma que “a cultura enquanto esfera autônoma só existe em nível dos mercados de poder, dos mercados econômicos, e não em nível da produção, da criação e do consumo real”. E, para além disso o teórico nos adverte que:

O que caracteriza os modos de produção capitalísticos é que eles não funcionam unicamente no registro dos valores de troca, valores que são de ordem do capital, das semióticas monetárias ou dos modos de financiamento. Elas funcionam também através de um modo de controle da subjetivação, que eu chamaria de ‘cultura de equivalência’ ou de ‘sistemas de equivalência na esfera da cultura’. Desse ponto de vista o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital ocupa-se da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva. E quando falo em sujeição subjetiva não me refiro apenas à publicidade para a produção e o consumo de bens. É a própria essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela está também [e, sobretudo] na tomada de poder da subjetividade (Guattari, 2005, p. 21).

A discussão que se deseja tratar nesta comunicação é especificamente a relação marcação/incorporação da Festa Junina como patrimônio cultural imaterial e as implicações entre a lembrança e o esquecimento, que podem produzir diferentes formas de preservação e resistência evitando, assim, determinados silenciamentos produzidos pelas esferas do poder. Desse modo, a partir de um corte social, de caráter exploratório, com delineamento teórico qualitativo, utilizando como procedimento técnico a pesquisa bibliográfica, essa comunicação repensa a festa junina cotejando a ideia de território da memória fragmentada, admitindo a

complexidade de compreensão sobre esse conceito face aos entrecruzamentos dos estudos em Memória Social e em Ciência da Informação.

2 Festa junina: patrimônio cultural imaterial

No Brasil, os festejos juninos foram reconhecidos como manifestação da cultura nacional através da promulgação da Lei nº 14.555 de 25 de abril de 2023. No âmbito da cultura, a constituição federativa brasileira aponta como dever do Estado, garantir a todas as pessoas o pleno exercício dos direitos culturais, bem como o acesso às fontes de cultura nacional, apoiando e incentivando a valorização e a difusão das manifestações culturais (BRASIL, 1988).

As festas juninas são consideradas um dos maiores eventos de âmbito nacional e com maior importância na cultura brasileira, onde é possível observar uma série de homenagens aos festejos juninos e influências musicais ao longo da história. As festas juninas, que acontecem originalmente no mês de junho, estendendo-se, em muitos lugares para o mês de julho, são consideradas comemorações cristianizadas dedicadas a três santos católicos: Santo Antônio, São João Batista e São Pedro, cujas datas de comemoração são 13 de junho; 24 de junho e 29 de junho, respectivamente. Sua origem remonta a festividades pagãs de influência europeia que eram realizadas no período denominado solstício de verão e tinham como objetivo afastar os maus espíritos das colheitas.

O cristianismo considerado como a ‘religião oficial’ na Europa apresenta uma série de manifestações pagãs que tinham como funcionamento a facilitação da conversão de diferentes povos por meio da aculturação das festividades. A festa passa a ter ressonância no Brasil por meio dos exploradores portugueses no século XVI (FESTA..., 2023). Festas trazidas por colonizadores portugueses e que deixaram uma herança cultural que nos faz refletir sobre as dores e alegrias que modulam essas práticas socioculturais.

Quando Canclini (2009) aponta para hibridação cultural, não podemos perder de vista que os festejos juninos também sofreram influências diretas das tradições dos povos originários e dos povos afro-brasileiros que foram incorporando nuances culturais localizadas nas comunidades produzindo misturas singulares. A cultura indígena dotada de ricos elementos contribuiu especialmente para a construção das práticas relacionadas aos rituais, enquanto a influência africana cedeu traços ligados às danças, músicas, instrumentos (tambor e zabumba, por exemplo, zabumba que constitui a base do ritmo forró, presente nas festas até hoje). A variedade de comidas típicas também revela as faces do hibridismo cultural.

A patrimonialização das festas juninas envolve o reconhecimento e a valorização de suas diversas influências culturais, que incluem elementos europeus, indígenas e afro-brasileiros. Essa mistura única é evidenciada nas danças, músicas, vestimentas e culinária típicas, que variam conforme a região e a comunidade. As festas juninas não apenas comemoram três santos católicos – Santo Antônio, São João Batista e São Pedro – mas também servem como um espaço de resistência e recriação cultural.

O patrimônio cultural apresenta uma dicotomia que deve ser sempre discutida, e, também indispensável na sociedade brasileira – o fato de ser material ou imaterial. Muitos teóricos propõem a valorização do aspecto material relacionando os monumentos, centro históricos, obras, objetos, igrejas, como bem tangíveis, isto é, reúnem aqueles com características históricas, artísticas, paisagísticas, arqueológicas e/ou arquitetônicas. Paralelo a isso, a dimensão imaterial localiza-se em manifestações culturais, usos e costumes de um povo, comida e todos os aspectos que revelam, de certa forma, os modos de existência de uma comunidade, um grupo social ou de um povo.

A Constituição Federal de 1988 previu a proteção do patrimônio cultural em suas diversas dimensões e os marcou também como instrumentos de registro e vigilância, incluindo o inventário, tombamento e desapropriação, além de outras ações. Esse processo foi trazendo uma visão mais ampliada sobre o tema resultando no entendimento de que os processos culturais que regem as relações sociais também passam por um movimento de criação e recriação, de tempos em tempos. Tal entendimento se tornou possível porque estudiosos foram considerando que esses processos culturais são dotados de dinamicidade e fluidez e deveriam obter um tratamento como patrimônio cultural, neste caso, imaterial.

Segundo Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023) existe uma relação praticamente intrínseca entre patrimônio e memória que sugere uma tendência de pensarmos automaticamente mais sobre o patrimônio cultural material do que sobre o patrimônio imaterial. Ademais, as autoras apontam que os atravessamentos afetivos que determinadas manifestações culturais provocam nas pessoas acabam sendo a energia propulsora para a recriação dos festejos a partir de produções subjetivas e intersubjetivas singulares não distanciando-se das marcações das estruturas do poder. Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023, p.07) afirmam:

A festa junina, classificada como patrimônio cultural imaterial, resulta de uma série de experiências e vivências, memórias individuais e coletivas. Uma herança cultural passada de geração para geração por meio de práticas socioculturais, recriada constantemente pelas comunidades em função do território, da história e da identidade. Isso significa dizer: uma manifestação cultural dotada de representações significativas para a formação da história, memória e identidade do povo brasileiro.

O ato de patrimonializar um festejo é marcá-lo na lembrança de um povo, ou seja, como Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023) “propicia o estímulo à memória das pessoas, bem como a manutenção da lembrança, produzindo uma espécie de pertencimento e identificação” com a cultura, com o território, com o *ethos* comunitário.

Segundo bell hooks (2022, p. 21):

A ideia de lugar – ao qual pertencemos – é um assunto recorrente para muitos de nós. Queremos saber se é possível viver em paz em algum lugar do mundo. É possível tolerar a vida? Podemos adotar um *éthos* sustentável que não envolva apenas o devido cuidado com os recursos naturais, mas também a criação de significação, de uma vida a pena a ser vivida?

A citação de bell hooks (2022), presente na introdução da obra “Pertencimento: uma cultura do lugar” aviva itinerários da memória fazendo-nos refletir sobre as relações e conexões presentes entre o lugar, os valores ancestrais articulados aos anseios pessoais ou comunitários. Nesse sentido, pertencer não é apenas encontrar segurança na cultura da lembrança, contribuindo para a manutenção (reprodução) do *ethos* comunitário por via do festejo. É também recriar ou criar aberturas para atualização da memória dos festejos.

Bauman (2022, p. 8) entende “comunidade [como] lugar ‘cálido’, um lugar confortável e acolhedor”. Em uma comunidade é possível “relaxar – estamos seguros”. Estar em comunidade requer uma associação as identificações que podem ser geradas através do sentimento de segurança e liberdade. Pertencer a comunidade ‘x’ ou ‘y’ é integrar-se ao *ethos* comunitário colaborando e contribuindo para a manutenção dos costumes, heranças culturais e práticas sociais. Pertencer a uma comunidade é pertencer a um *lócus* privilegiado que acolhe as marcas produzidas pelos movimentos diaspóricos resultantes dos problemas e dilemas econômicos e culturais postos pelo processo de colonização no Brasil.

Segundo Pelegrini (2007, p. 1), “o patrimônio cultural [é] como o *lócus* privilegiado onde as memórias e as identidades adquirem materialidade”. Isso, segundo Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023) significa marcar uma relação direta com a lembrança essencial à compreensão do ato de patrimonialização. Alberti (2004, p. 15) nos adverte que devemos ter atenção ao olharmos para a relação da memória com o passado (passado vivo), ou seja, que se atualiza no presente e integrará também o futuro. Halbwachs (1990) afirma a memória como um fenômeno coletivo e social, no qual os processos e dinâmicas promovem a coesão dos grupos sociais. Já Pollak (1992) alerta para a seletividade da memória e o sentido de continuidade e de manutenção da lembrança e do esquecimento.

Sabbag, Rocha, Achilles e Takahashi (2023, p.08) afirmam que “a festa junina como patrimônio cultural imaterial afirma a importância da produção da cultura que se dá via relações

sociais, processos de estruturação e reconstrução de elementos socioculturais” e, por esse motivo, devemos associar a memória à identidade.

Ativar as identificações, é também enfatizar a importância de trabalhar a ideia de identidade que se define a partir do próprio sentimento de pertencimento, neste caso, cultural. Bauman (2021, p. 17) afirma que “a questão da identidade só surge com a exposição a ‘comunidades’ [...] porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unidade a ‘comunidade fundida por ideias’ a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policulturas”. A marcação do autor evoca a relação entre pertencimento e identidade como se tal relação fosse dotada de uma solidez, tal como uma rocha, e, ainda assim, obtivessem uma garantia vitalícia. No entanto, na conformação que considera os aspectos e elementos presentes entre pertencimento e identidade não podemos perder de vista as disputas presentes nos jogos de poder.

Cultura e poder são temas intimamente ligados. Em um sentido mais geral, é a capacidade de produção de subjetividade e apropriação dessas produções que modulam as condutas e regras individuais ou coletivas das normas sociais vinculadas diretamente tanto à dimensão da cultura quanto à dimensão do poder (ou dos poderes). Nesse jogo, ativando uma perspectiva foucaultiana podemos pensar em disputas presentes nos jogos de poder. Disputas que se fazem presentes no campo político institucionalizado. O ato de patrimonializar é reconhecer os direitos legais e sociais, é reconhecer coletivamente a importância do festejo junino na cultura brasileira. Nesse viés, o poder que atua nessa decisão parte também das relações vivenciadas pelos grupos sociais que lutam e resistem para institucionalizar-se, e, esse não é apenas um interesse localizado nos grupos, mas, também inclui o próprio Estado.

Com a diversidade de produções subjetivas e intersubjetivas sobre o festejo é possível dizer que existem ‘identidades juninas’. Bauman (2021, p. 19-20) coloca:

[...] As ‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. Quanto mais praticamos e dominamos as difíceis habilidades necessárias para enfrentar essa condição reconhecidamente ambivalente, menos agudas e dolorosas as arestas ásperas parecem, menos grandiosos os desafios irritantes os efeitos. Pode-se até começar a sentir *chez soi*, ‘em casa’, em qualquer lugar – mas o preço a ser pago é a aceitação de que em lugar nenhum se vai estar total e plenamente em casa.

Benedito Vecchi citado por Bauman (2021, p. 21) entende que “na imaginação sociológica, a identidade é sempre algo muito evasivo e escorregadio, quase um a priori, ou seja, uma realidade preexistente”. Bauman (2021) concorda com o autor e expõe:

[...] a ‘identidade’ só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, ‘um objetivo’; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando mais ainda – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

Associar cultura, poder, identidade, memória e patrimônio é articular componentes conceituais complexos aos abstrusos enredamentos sociais e políticos da sociedade. As festas juninas como patrimônio cultural imaterial é um reconhecimento da importância dessas celebrações para a identidade e memória do povo brasileiro que revelam as diversidades do Brasil, no entanto também apontam para a produção do comum. Desse modo, o registro também serve não só a garantia pelo medo do esquecimento, contudo se coloca como um mecanismo de controle cultural e vigilância da produção subjetiva do patrimônio cultural imaterial. Indo além, é possível dizer que pensar no medo do esquecimento, assim como coloca Huyssen (2000) é uma forma e estratégia de rememoração pública e privada.

As festas juninas como patrimônio cultural imaterial é um reconhecimento da importância dessas celebrações para a identidade e memória do povo brasileiro e uma estratégia para o medo do esquecimento? O que nos cabe neste momento é colocar as festas como um espaço de celebração, resistência e recriação cultural, refletindo a diversidade do Brasil e, talvez, a festa como resistência da dor do esquecimento?

3 Dinâmicas da memória: entre a dor dos esquecimentos e as alegrias da lembrança

Fagulhas, pontas de agulhas
Brilham estrelas de São João
Babados, xotes e xaxados
Segura as pontas meu coração

Bombas na guerra, magia
Ninguém matava
Ninguém morria

Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor
Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor

Fagulhas, pontas de agulhas
Brilham estrelas De São João
Babados, xotes e xaxados
Segura as pontas meu coração

Bombas na guerra, magia
Ninguém matava
Ninguém morria

Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor
Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor

Ardia aquela fogueira
Que me esquentava
A vida inteira, eterna noite
Sempre a primeira
Festa do interior

Ardia aquela fogueira
Que me esquentava
A vida inteira, eterna noite
Sempre a primeira
Festa do interior

Fagulhas, pontas de agulhas
Brilham estrelas de São João
Babados, xotes e xaxados
Segura as pontas meu coração

Bombas na guerra, magia
Ninguém matava
Ninguém morria

Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor
Nas trincheiras da alegria
O que explodia era o amor

Ardia aquela fogueira
Que me esquentava a vida inteira
Eterna noite
Sempre a primeira festa do interior
Ardia aquela fogueira
Que me esquentava a vida inteira
Eterna noite
Sempre a primeira festa do interior

Música: Festa do interior
Gal Costa
Álbum: Fantasia, 1981.
Compositores: Abel Ferreira Da Silva / Antonio Carlos De Moraes Pires
© Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda, Edicoes Musicais Tapajos Ltda

A música destaca a importância das tradições na preservação da memória cultural, bem como para a formação da identidade coletiva, pois as festas juninas podem ser vistas como um espaço de memória, recordação e celebração. Eternizada na voz vibrante da cantora brasileira Gal Costa, a música apresentada traduz o espírito do festejo brasileiro, portando-se como uma verdadeira ode às tradições marcadas pelas alegrias e tristezas presentes na vida cotidiana. A melodia contagiante juntamente com a letra evoca, ao mesmo tempo, nostalgia e contentamento. E, aqui, nos arriscamos a dizer que cantá-la é entoar um canto como aqueles das Musas da *Mnemosyne*, ativando em cada cantante lembranças e esquecimentos. Mas, por que será que no Brasil de hoje fazemos tanta questão de não mais esquecer as festas do interior? Por que nessas festas residem e existem a dor da colonização em resistência através da criação?

O processo de patrimonialização pode servir como uma ferramenta para a preservação cultural, mas deve ser conduzido com a participação da sociedade. É importante reconhecer e abordar os silenciamentos que podem ocorrer, garantindo que a diversidade e a complexidade das memórias culturais sejam representadas. A festa junina, como patrimônio cultural imaterial, deve ser vista não apenas como um evento festivo, mas como uma expressão dinâmica e multifacetada da identidade cultural brasileira.

A patrimonialização envolve a seleção de certos aspectos da cultura, resultando no esquecimento ou marginalização de outras práticas e narrativas que não se encaixam na visão oficial de patrimônio (Lopo, 2010). Isso pode resultar no esquecimento ou na marginalização de outras práticas e narrativas que são igualmente importantes, mas que não se encaixam na visão oficial de patrimônio. Andersen e Prokkola (2018) ressaltam que a patrimonialização pode favorecer narrativas hegemônicas que reforcem identidades culturais dominantes, silenciando as experiências de grupos marginalizados. No caso específico das festas juninas, aspectos relacionados à diversidade regional e às contribuições de diferentes grupos étnicos e sociais podem ser minimizados ou ignorados.

Na perspectiva da Ciência da Informação podemos refletir as dinâmicas da memória relacionadas as marcações da organização do conhecimento, é também estar atento às dinâmicas do par lembrança e esquecimento. Nesse sentido, as discussões sobre

patrimonialização podem ser vistas também a partir das perspectivas sobre o regime de informação, estrutura complexa definido pela autora González de Gómez (2002, p. 34) como

um modo de produção informacional dominante numa formação social, conforme o qual serão definidos sujeitos, instituições, regras e autoridades informacionais, os meios e os recursos preferenciais de informação e os padrões de excelência e os arranjos organizacionais de seu processamento seletivo, seus dispositivos de preservação e distribuição.

Como narrativa hegemônica, dentro de um regime de informação, um modo de produção informacional pode funcionar seletivamente escolhendo seus atores, escolhendo seus corpos, fabricando docilidade sem competência crítica em informação. E o regime muda o tempo inteiro apresentando uma modularidade onde avaliação crítica e o uso ético da informação são fundamentais. Olhar por esse viés é um passo que vem adiante, no entanto o festejo como parte do imaginário individual e coletivo perpassa pela dimensão da linguagem e construção de identidades, mas não deixa de considerar que a memória dos cantantes e brincantes se encontra associada aos instrumentos do poder. A institucionalização (patrimonialização) também é uma forma de poder político que pretende controlar o que deve ser lembrado e esquecido.

Mas, como cantava Gal Costa, a festa do interior dotada da dinâmica alegria e tristeza (esquecimento e lembrança, exatamente nesta ordem) gera a tessitura da memória, fabricadas também pelas esferas do poder. Quando Foucault pensa a memória como produtiva e nos ensina que o que ela produz é essencialmente subjetividade, o teórico também admite uma série de fatores que estão em jogo (corte econômico X sensibilidades, pode ser um bom exemplo neste caso).

A influência dos povos (a tal miscigenação) ao passo que é considerado um produto do hibridismo cultural, pode funcionar também como um ‘certo’ apagamento de alguns grupos pelas marcações discursivas apresentadas pelo corte histórico. Quando Huyssen (2000, p. 9) afirma “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais”. Nesse trecho ele marca o medo do esquecimento, bem como a afirmação da reprodução das memórias como uma necessidade da sociedade atual. O teórico vai além...

[...] Tempo e espaço, como categorias fundamentalmente contingentes de percepção historicamente enraizadas, estão sempre intimamente ligados entre si de maneiras complexas, e a intensidade dos desbordantes discursos de memória, que caracteriza partes do mundo de hoje, prova o argumento.

[...]

Discursos de memória de um novo tipo emergiram pela primeira vez no ocidente depois da década de 1960, no rastro da descolonização e dos novos

movimentos sociais em sua busca por histórias alternativas e revisionistas (Huyssen, 2000, p. 10).

O que se pode compreender é que a globalização da memória (das memórias) alimentam a esfera econômica através exatamente das sensibilidades que resultam na produção de subjetividade. O festejo junino ativa alegrias e tristezas (esquecimentos e lembranças) e para que seja possível a atualização da memória novos fragmentos do *ethos* comunitário são produzidos, servindo também às instâncias neoliberais. Nessa dança, o que devemos lembrar e o que devemos esquecer? A próxima aposta está no entendimento desse tema através do olhar dos regimes de informação.

4 Considerações possíveis

A patrimonialização pode envolver a escolha de certos aspectos culturais para serem preservados, enquanto outros podem ser excluídos. Isso poderá resultar na marginalização de conhecimentos e práticas que não se enquadram nos critérios institucionais, mesmo que sejam essenciais para a comunidade.

As narrativas oficiais de preservação não devem favorecer identidades culturais dominantes, ignorando as diversidades internas das comunidades, pois se fizerem isso poderão silenciar as vozes e experiências dos grupos minoritários. Para além disso, essa comunicação que se coloca a partir de uma perspectiva mais questionadora aviva indagações e reflexões sobre as formas de controle e estratégias de manutenção, institucionalização da memória das festas juninas, ao passo que, pensa também na dinâmica do par lembrança e esquecimento e o modo de resistência.

Como articular esse tema considerando a cultura através de uma instância globalizada e neoliberal? Como lidar com a construção das narrativas de apagamento? Os saberes, os poderes e as práticas de si pertencem a um emaranhado complexo e, será que a criação e a recriação do festejo pelo hibridismo cultural escapam aos dispositivos de poder? Será que os códigos de assujeitamento presentes no que 'é instituído' até que ponto se coloca como manutenção da memória? Ou, ainda se configura como um movimento de resistência? Ou, se converte em terreno fértil (fábrica) de subjetividades? Esses são questionamentos pertinentes a serem explorados abrindo novos caminhos para a reflexão sobre o tema sob o viés interdisciplinar, no qual é possível tecer possibilidades através do alinhamento entre a Memória Social e a Ciência da Informação. Conclui que a reterritorialidade do patrimônio cultural imaterial festa junina participa de jogos de forças vinculados às estruturas de poder, produzindo diferentes formas de preservação e resistência, evitando assim, determinados silenciamentos produzidos pelas esferas do poder através da preservação de alguns fragmentos socioculturais.

Referências

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ANDERSEN, D.; PROKKOLA, E. Heritage as bordering: heritage making, ontological struggles and the politics of memory in the Croatian and Finnish borderlands. **Journal of Borderlands Studies**, v. 36, p. 405-424, 2018. <https://doi.org/10.1080/08865655.2018.1555052>.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

bell hooks. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

BENJAMIN, W. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: **Os pensadores: Textos escolhidos**, Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 mar. 2024.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. Ed. São Paulo: EdUsp, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. Ed. ver. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (2002). Patrimônio imaterial. Ministério da Cultura do Brasil. <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>

LOPO, M. Memoria, historia y silencio en la construcción de territorios emblemáticos. **Scripta Nova – Revista Electronica de Geografía y Ciencias Sociales**, v.14, n.44, 2010. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-44.htm> Acesso em: 10 maio 2024.

PELEGRINI, S. C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. **Revista Brasileira de História**, v. 26, n.51, p. 115-140, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/PVLJ6HmX7hxYDD9bkdFqYLD/?lang=pt> Acesso em: 12 out. 2023.

PELEGRINI, S. C. A. O patrimônio cultural e a materialização das memórias individuais e coletivas. **Patrimônio e Memória**, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.3, n.1, 2007 p. 87. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/viewFile/33/459> Acesso em: 05 mar. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941> Acesso em: 3 abr. 2024.

SABBAG, D. M. A.; ROCHA, E.; ACHILLES, D.; TAKAHASHI (2023). Caleidoscópio do Sistema de Organização do Conhecimento: a manifestação cultural Festa Junina. Madri: ISKO Iberico, 2023.